
OS MAPAS MENTAIS COMO EXPRESSÕES SIMBÓLICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

THE MENTAL MAPS AS THE SYMBOLIC EXPRESSIONS IN PANDEMIC TIMES

MAPAS MENTALES COMO EXPRESIONES SIMBÓLICAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Rosangela Lurdes Spironello¹

Lígia Cardoso Carlos²

Liz Cristiane Dias³

RESUMO: o texto discute os desafios e as novas dinâmicas sociais originadas na pandemia e suas repercussões para a formação de professores, em relação com a vida cotidiana. Tomou como objeto os mapas mentais elaborados pelos participantes de uma disciplina da Licenciatura em Geografia, desenvolvida de modo remoto, os quais expressaram as discussões e compreensões sobre o isolamento social e sobre o sentido e a importância dos mapas mentais no ensino de Geografia. Os mapas feitos pelos alunos, distribuídos em três agrupamentos, manifestaram situações cotidianas de isolamento vividas no interior das residências, na cidade e na interface entre o mundo do trabalho e outros grupos sociais em dinâmicas provocadas por exigências do espaço e do tempo.

Palavras-chave: Mapas Mentais. Cartografia Escolar. Formação de Professores. Ensino de Geografia. Pandemia.

ABSTRACT: the text discusses the challenges and the new social dynamics originated in the pandemic and its repercussions for the formation of teachers, in relation with the daily life. It took as object the mental maps elaborated by the participants of a discipline of the Degree in Geography developed in a remote way, which expressed the discussions and comprehensions about social isolation and about the meaning and the importance of mental maps in the teaching of Geography. The maps made by the students, distributed in three groups, manifested daily situations of isolation experienced inside the residences, in the city and at the interface between the world of work and other social groups in dynamics caused by the demands of space and time.

1 Doutora em Geografia. Professora do Instituto de Ciência Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9272-2040>. E-mail: spironello@gmail.com.

2 Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6106-4150>. E-mail: li.gi.c@hotmail.com.

3 Doutora em Geografia. Professora do Instituto de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3557-4867>. E-mail: lizcdias@gmail.com.

Artigo recebido em março de 2021 e aceito para publicação em junho de 2021.

Keywords: Mental Maps. School Cartography. Teacher Formation. Teaching Geography. Pandemic.

RESUMEN: El texto discute los desafíos y las nuevas dinámicas sociales originadas en la pandemia y sus repercusiones para la formación de docentes, en relación con la vida cotidiana. Se tomó como objeto los mapas mentales elaborados por los participantes de una disciplina de la Licenciatura en Geografía, desarrollados de manera remota, que expresaban las discusiones y entendimientos sobre el aislamiento social y sobre el significado y la importancia de los mapas mentales en la enseñanza de la Geografía. Los mapas elaborados por los estudiantes, distribuidos en tres grupos, mostraban situaciones cotidianas de aislamiento vividas dentro de las residencias, en la ciudad y en la interfaz entre el mundo laboral y otros grupos sociales en dinámicas provocadas por las demandas de espacio y tiempo.

Palabras clave: Mapas Mentales. Cartografía Escolar. Formación de Profesores. Enseñanza de la Geografía. Pandemia.

INTRODUÇÃO

O cenário da pandemia da COVID – 19, que se estende pelo mundo desde o início de 2020, imputando uma crise sanitária sem precedentes, tem alterado de forma significativa as ações e a vida das pessoas. Situações cotidianas foram intensificadamente transformadas. As relações de produção, consumo, formas de comunicação intrapessoais e interpessoais passaram a incorporar novos desafios, os quais refletiram, inclusive, na educação.

Nesse sentido, destaca-se as contribuições de Santana Filho (2020), quando este diz que:

A docência e a educação escolar estão abaladas. A pandemia, ao nos isolar uns dos outros, estudantes, professores, pedagogos, gestores públicos e privados, abala a dinâmica da escola: seu sentido baseado na convivência e compartilhamento de ideias e saberes, na transmissão de conteúdos consolidados e conduzida por práticas seculares encontra-se revirado (SANTANA FILHO, 2020, p. 5).

No contexto da educação superior não foi diferente. A Universidade Federal de Pelotas - UFPel, após discussão e orientações da gestão tanto com o corpo docente quanto discente, iniciou em junho de 2020 as atividades com ensino remoto, no chamado calendário alternativo. Um calendário proposto com o objetivo de ofertas de componentes curriculares optativos, projetos de ensino e outras atividades compreendidas naquele momento, que pudessem inserir e aproximar os professores e alunos em caráter experimental. Foi uma vivência universitária realizada na linha tênue entre, por um lado, garantir a oferta e minimizar perdas decorrentes da suspensão das aulas e, por outro, correr o risco de agravar a exclusão daqueles estudantes sem acesso aos meios digitais e em condições de vida mais precárias.

Nos cursos de Geografia, licenciatura e bacharelado, optou-se em desenvolver componentes curriculares não eletivos, por adesão dos professores que naquele momento se sentissem predispostos a encarar esse novo formato de trabalho totalmente on-line e em uma plataforma denominada E-aula, a qual era, até então para alguns, desconhecida.

A oferta de componentes curriculares, no modo remoto, foi realizada em um contexto social de desigualdade crescente e com uma conjuntura governamental de descrédito em relação

à ciência e ao papel da universidade pública. Diante desse cenário, os docentes tiveram de se reinventar, mudando o formato de suas aulas, a partir de uma plataforma pouco conhecida a ser utilizada ao longo das atividades letivas. Não menos importante, passaram a “...rever com flexibilidade o plano de ensino das disciplinas, reavaliar seus conteúdos, métodos, referenciais e critérios avaliativos” (PESSOA; SANTOS; ALVES, 2020, p. 131). Situação que se encontra nas demais universidades, em que pese as dificuldades de organização e planejamento.

Por conseguinte, esse período nos fez refletir sobre nossas ações e estratégias de ensino, nos questionando, também, sobre a concepção de educação geográfica que pretendemos. A esse propósito, Santana Filho (2020), traz alguns apontamentos:

Afinal, que educação estávamos praticando em nossos encontros presenciais e quais dos conteúdos desenvolvidos, por exemplo no ano passado, servem para orientar a leitura e compreensão desse momento histórico, pandêmico: uma crise sanitária; a ameaça biológica invisível; os desdobramentos econômicos, culturais e emocionais. Talvez até a crença no terraplanismo! Se é detectável algumas decisões de gestão e planejamento descoladas do conhecimento e dos referenciais educacionais de modo geral, é preciso buscar também a concepção de educação geográfica que está mobilizando os professores do campo e o tipo de atividade didática que estão produzindo (SANTANA FILHO, 2020, p. 12-13).

Nessa perspectiva, a disciplina foco deste texto teve como proposta central examinar e debater temas sobre a Cartografia no contexto da Geografia escolar. Concomitantemente, estabelecer uma discussão, a partir da linguagem cartográfica, sobre como o pensamento espacial e o raciocínio geográfico podem contribuir para a leitura de mundo.

Entendemos com base em Castellar e Juliasz (2017, p. 163), que o pensamento espacial está relacionado “...aos processos cognitivos e está associado ao desenvolvimento da inteligência espacial, por isso a relevância dos enfoques construtivistas no contexto da didática da Geografia”. No que diz respeito ao raciocínio geográfico, compreendemos a partir da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, (BRASIL, 2018), que este é um processo cognitivo que envolve os princípios geográficos de: Analogia, Conexão, Diferenciação, Distribuição, Extensão, Localização e Ordem.

Essa proposta, para além das discussões teórico-metodológicas que envolvem o tema, trouxe à tona reflexos da vida cotidiana dos alunos neste momento de isolamento social. Sentimentos, relatos e simbologias expressas em representações contribuíram sobremaneira para a compreensão do papel da Geografia e da Cartografia escolar na formação dos alunos, futuros professores, diante do cenário atual que vivenciamos.

É nessa expressão da cotidianidade, em tempos de pandemia, que iremos desdobrar nossa exposição, a qual buscará explicitar e discutir desafios e novas dinâmicas sociais originadas na pandemia e suas repercussões para a Geografia no ensino superior, em interface com a vida cotidiana. Tem como objeto de reflexão os mapas mentais elaborados pelos participantes da disciplina, nesse formato de ensino remoto durante o período de isolamento social.

Para conduzir o texto, no próximo tópico, traremos algumas contribuições sobre a linguagem cartográfica no ensino de Geografia e como essa discussão nos mobilizou a pensar a vida cotidiana em tempos de pandemia, a partir dos diálogos que a disciplina acadêmica nos apontou. Posteriormente, apresentaremos considerações sobre os mapas mentais e os movimentos de análise realizados.

A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR O COTIDIANO EM TEMPOS DE PANDEMIA

É fato que a crise sanitária provocada pelo novo coronavírus trouxe reflexos para toda a sociedade. Na educação, nos provocou a pensarmos, em um curtíssimo espaço de tempo, em como desenvolver nossas estratégias de ensino, enquanto professoras formadoras de professores. Tivemos o compromisso de conduzir as discussões teóricas e metodológicas de maneira integrada, partilhando questões acadêmicas vinculadas à formação profissional com questões emocionais e vivenciais, não só pertencentes à realidade dos docentes, mas, principalmente, em relação à realidade dos nossos acadêmicos, os quais, como nós, estavam passando por situações novas, marcadas pela condição de isolamento social.

Diante desse desafio, a disciplina investiu na formação acadêmica com um olhar geográfico sensível e crítico, mobilizando discussões do campo da Cartografia no contexto da Geografia escolar e enfatizando a contribuição da linguagem cartográfica para a leitura de mundo e da vida cotidiana. As referências centrais utilizadas para conduzir as discussões em sala de aula, foram os autores, Francischett (2011); Castellar (2017); Richter (2017), Duarte (2017) e Gomes (2017). Para além disso, nos apropriamos de fontes como Heller (1989), Archela, Gratão e Trostdorf (2004) e Lima *et al.* (2019) para subsidiar a presente proposta.

Dialogando com os textos que deram suporte teórico à disciplina, chamamos a atenção para a afirmação de Duarte (2017), quando salienta que a Geografia tem um modo particular de pensar o espaço geográfico, considerando suas diferentes dimensões. Esse pensar geograficamente o espaço, “[...] envolve, em grande medida, pensar espacialmente com o suporte da linguagem cartográfica” (DUARTE, 2017, p. 32-33). Nessa mesma perspectiva, reforçamos juntamente com Castellar (2017), que a linguagem cartográfica possui subsídios necessários para expandir o discurso e o olhar geográfico, dando conta de apontar, discutir e compreender as relações espaciais.

A linguagem cartográfica estrutura-se em símbolos e signos, sendo compreendida como um produto da comunicação visual que dissemina informação espacial. Portanto, a capacidade de usar as informações representadas ajuda o aluno a desenvolver o pensamento espacial e a complexidade as relações espaciais (CASTELLAR, 2017, p. 221).

Da mesma forma, Jesus, Portugal e Lima (2019, p. 173), destacam que: “A linguagem cartográfica é um importante dispositivo didático-pedagógico que pode contribuir de forma significativa para a compreensão de fenômenos, fatos...” e situações geográficas, como a pandemia, considerando as relações desde a escala local a global.

Nesse preâmbulo, ao considerarmos o mapa como instrumento potencializador da leitura e análise geográfica, Francischett (2011), contribui dizendo que:

As reflexões, os estudos e as pesquisas em Geografia têm considerado o mapa um recurso didático de extrema importância para o ensino por entendê-lo como representação primordial para a compreensão do espaço geográfico. Além disso, a representação cartográfica, no campo intelectual, desenvolve a racionalidade para pensar o mapa além dele, naquilo que ele traz como significado, a temática representada no campo das convenções para exprimir o que ocorre no contexto do real (FRANCISCHETT, 2011, p. 143).

A mesma autora destaca que: “A meta perseguida nesta abordagem de leitura do mapa é a de explorar as representações a partir das características gráficas, procurando nelas as simbologias sociais, culturais e históricas” (FRANCISCHETT, 2011, p. 146). Por isso, o discurso pedagógico inferido nesse processo é o que dá sentido ao ensino e à aprendizagem, ganhando ainda mais expressividade quando desenvolvido na perspectiva da Geografia escolar.

A esse propósito, Richter (2017, p. 279), afirma que “[...] não basta o mapa estar presente, é necessário que ele se torne um recurso que contribua para as práticas sociais dos indivíduos, desde o processo de leitura até as propostas de sua construção”. Nesse processo, é importante que docentes e discentes, seja no contexto acadêmico ou escolar, compreendam que os mapas, juntamente com a dinâmica da sociedade, evoluem e trazem novas formas de ver e ler os fenômenos que são representados. O mesmo autor destaca, ainda, que: “A partir dessas ideias podemos analisar também que a leitura do mapa precisa estar condizente com seu tempo e espaço no momento de sua produção. Pois esta linguagem vai expressar os elementos simbólicos e coerentes com contexto em que foi construído” (RICHTER, 2017, p. 288).

Consoante a isso, Castellar (2017, p. 221) enfatiza que o mapa “tem uma história, tem preferências [...] que revelam o objetivo das representações.” Desse modo, a autora nos alerta que “[...] os professores, por meio dos mapas mentais e das análises de outros mapas elaborados ou não pelos alunos, podem discutir quaisquer assuntos e mapeá-los” (CASTELLAR, 2017, p. 221).

Por isso, compreendemos que:

O processo de mapeamento faz também desmitificar o mapa e, desnaturalizando-o, é possível questionar sua neutralidade, objetividade, domínio exclusivo dos especialistas e, com isso, problematizar as narrativas sobre o espaço representado. Deste modo, dominar a linguagem cartográfica é apropriar-se de mais um instrumento para leitura crítica do espaço (GOMES, 2017, p. 106).

Na perspectiva do trabalho desenvolvido na disciplina, o enfoque foi dado para a construção de mapas mentais, considerando o contexto atual e o dia a dia dos alunos participantes. Ao destacarmos a importância dos mapas mentais na vida cotidiana de cada sujeito, Archela, Gratão e Trostdorf (2004), destacam que:

são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação (ARCHELA; GRATÃO; TROSTDORF, 2004, p. 127).

O momento da pandemia trouxe expressões e manifestações singulares dessa cotidianidade, tanto por parte da sociedade como um todo, quanto pelo grupo de alunos integrantes da disciplina foco deste texto. Novas dinâmicas se fizeram presentes no ambiente de vivência de cada um, o que mobilizou ações e pensamentos distintos, compondo outros

aspectos das rotinas diárias. Esses aspectos, aos quais referenciamos como expressões simbólicas, foram explorados por dentro das discussões da disciplina e se materializaram no formato de mapas mentais, cuja discussão será desenvolvida na seção a seguir.

OS MAPAS MENTAIS: EXPRESSÕES E INTERPRETAÇÕES

Quando tratamos da expressão da realidade vivida no cotidiano, tomamos como referência as reflexões trazidas por Heller (1989). Para a autora, o cotidiano é um espaço e um tempo no qual todos estamos inseridos. Está configurado pelo modo de produção, pelos costumes, pela lógica de cada época. Independentemente do tempo histórico em que nos encontramos ou do lugar em que habitamos, estamos inscritos na cotidianidade. É uma objetividade exterior a nós com a qual temos, obrigatoriamente, de lidar.

Nesse sentido, a vida cotidiana mobiliza todas as nossas potencialidades, os nossos sentidos, sentimentos, capacidade de operacionalizar, nosso intelecto, dentre outros aspectos, da maneira mais imediata possível. Ela é heterogênea diante do conjunto de problemas com os quais nos deparamos dia após dia, fazendo com que os hierarquizemos e confrimamos a eles uma ordem de prioridades.

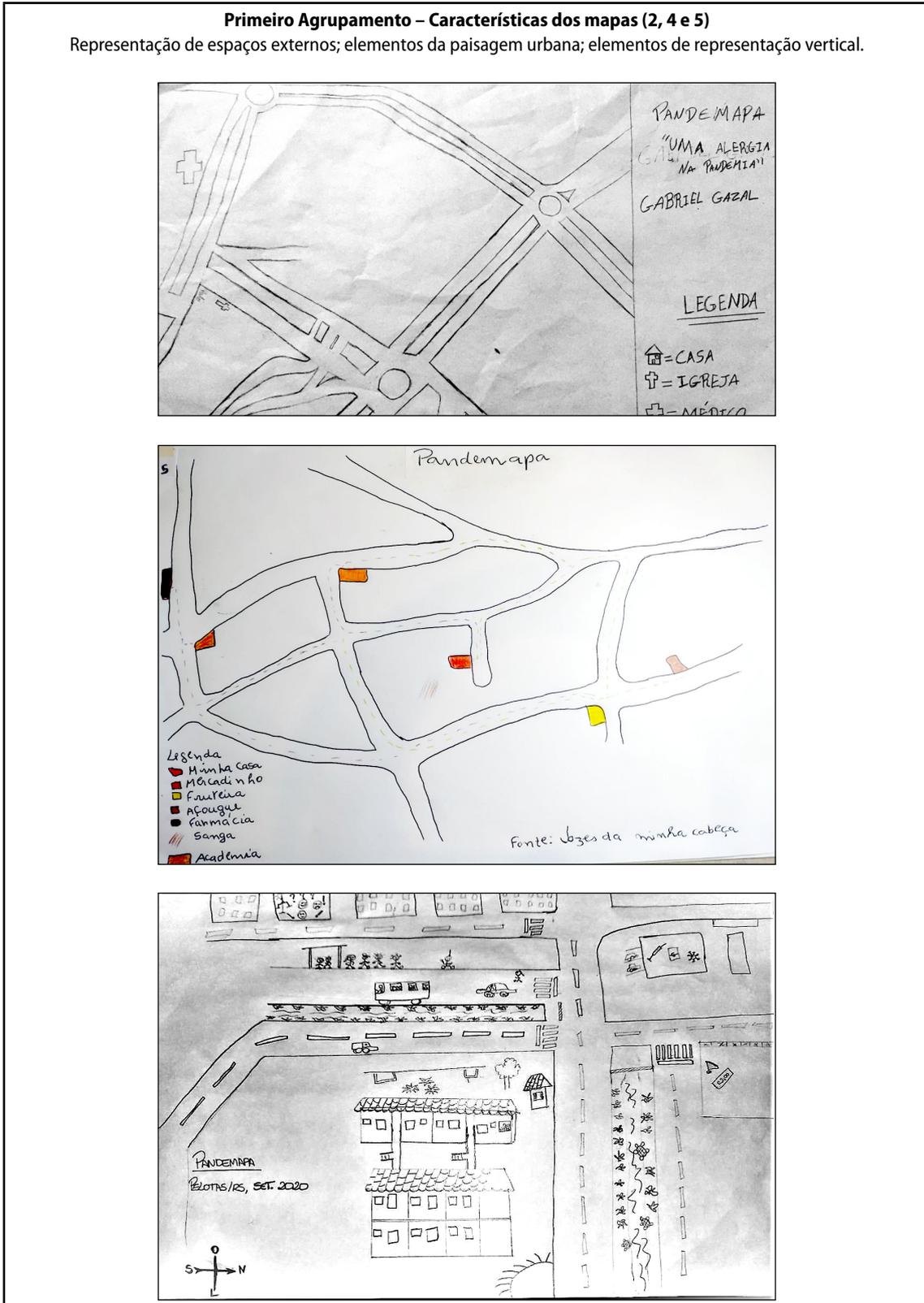
Com base nessa abordagem inicial, iremos desdobrar a discussão sobre a cotidianidade refletida nos mapas mentais, elaborados pelos alunos matriculados na disciplina de Cartografia no ensino de Geografia, componente curricular da Licenciatura em Geografia. A turma foi constituída, inicialmente, com 20 alunos matriculados. O número reduzido de vagas ofertadas nesse componente curricular levou em consideração várias questões, dentre elas: a situação excepcional que estávamos vivendo; a dificuldade inicial de desenvolver um trabalho totalmente on-line; e as incertezas de poder acompanhar o desenvolvimento de cada aluno e aluna com qualidade. A situação de desistência e não participação por parte de alguns alunos é motivo de inquietação e, nesse sentido, tem sido interesse de investigação dos docentes e colegiado de curso.

Ainda em relação aos alunos matriculados, somente 16 se mantiveram regularmente ativos na disciplina e destes, 13 participaram da elaboração da proposta dos mapas mentais, que iremos discutir mais adiante.

Para conduzirmos a leitura dos mapas mentais, estes foram numerados sequencialmente (por ordem de recebimento da atividade), para posterior análise, buscando assim, a manutenção da privacidade dos alunos participantes. Destacamos também, que os mapas mentais desenvolvidos na disciplina, fizeram parte de uma das etapas de avaliação. Estes foram apresentados em aula, trazendo à tona, a partir dos relatos (fala e escrita), os detalhes da rotina pandêmica.

Ao observarmos os 13 mapas mentais elaborados, identificamos características que se sobrepuseram, o que nos permitiu organizá-los em três agrupamentos que expressam modos de representar a condição de viver na pandemia, conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1. Características gerais identificadas nos três agrupamentos dos mapas mentais.



continua

continuação

Pandemapa - Cotidiano

Legenda:

- Ambientes mais ocupados
- Ambientes com pouca ocupação

MAPA MENTAL - Meu Cotidiano

Durante esse tempo em pandemia, propo para o máximo de casa sendo somente para o essencial.

Legenda - Triângulos

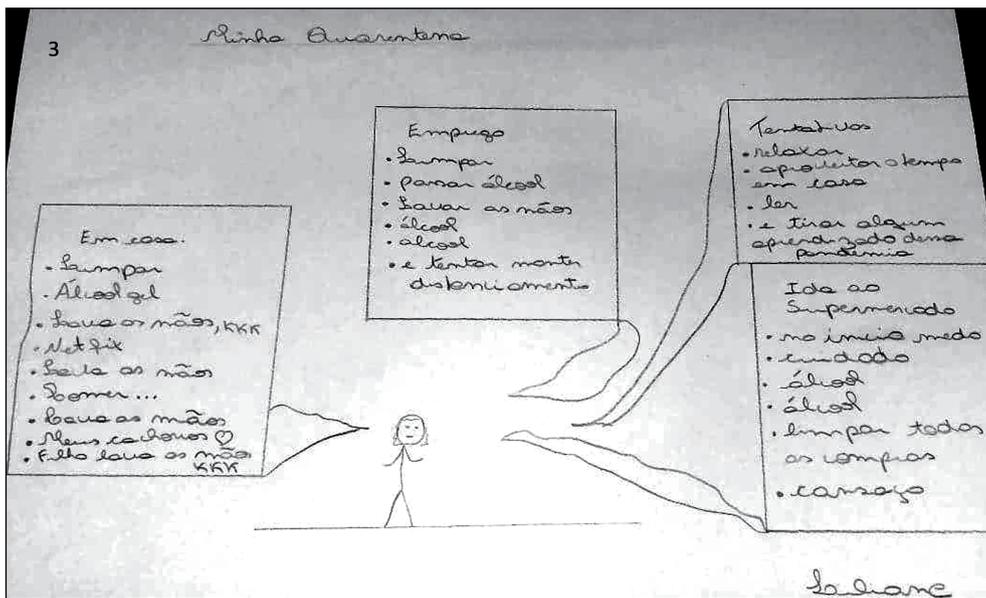
Lugar para se sentar

continua

continuação

Terceiro agrupamento – Características dos mapas (1, 3, 10 e 11)

Representação que articula o espaço de vivência mais próximo e privado e o espaço coletivo; relação das atividades cotidianas, de casa e fora dela; representação espaço-temporal.



continua

continuação



Fonte: Autoras (2020).

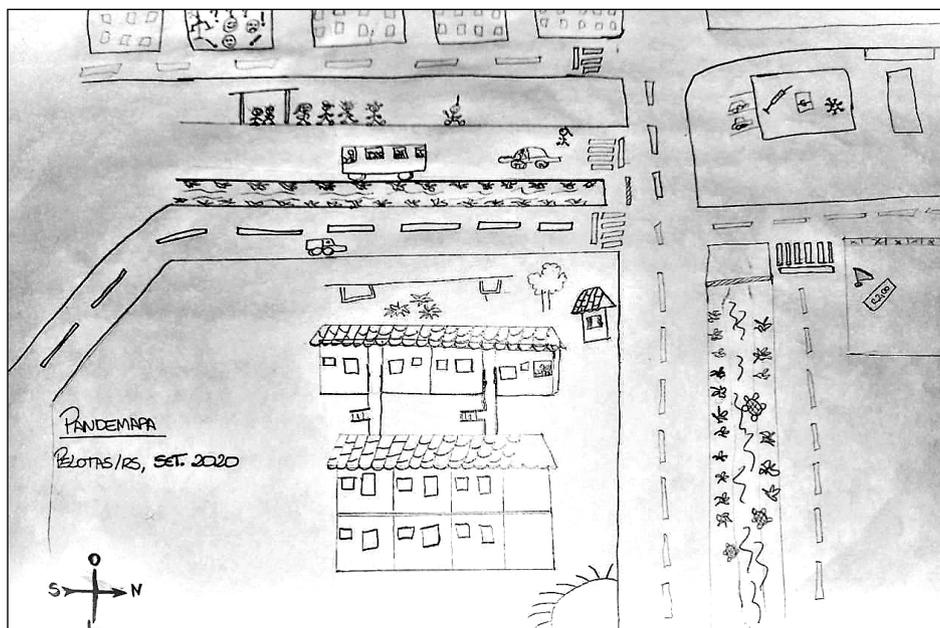
De modo mais detalhado, o primeiro agrupamento é composto de um mapa que representa uma visão vertical do traçado de ruas com a localização da casa, da igreja e do consultório médico; de outro mapa mais detalhado que caracteriza casas com pessoas nas janelas, ruas com

automóveis, pessoas aguardando transporte público, um hospital e um mercado que inclui o desenho do vírus coronavírus; também é composto de um mapa que simboliza o traçado de ruas com a localização da casa, mercado, fruteira, açougue, farmácia e academia de ginástica.

O segundo agrupamento contém um mapa que representa quatro momentos do interior de uma mesma casa, conforme necessidades que definem a organização daquele espaço interno; outro, retrata o interior da casa acrescido de palavras que expressam sentimentos de ansiedade, medos e alegria; o seguinte, mostra o interior da casa e o pátio com a indicação de tarefas cotidianas como cozinhar, ver filmes e cuidar das plantas; o posterior, representa o interior da casa com a indicação de dependências, nas quais o morador passa a maior parte do tempo; na sequência, temos outro mapa com as mesmas características, acrescidas à referência de locais de destino das saídas essenciais, ou seja, açougue, mercado e padaria; por último, um que também mostra a parte interna da casa e o pátio utilizado para tomar sol, com flechas indicando deslocamentos internos

O terceiro agrupamento compreende um mapa que articula dinâmicas da cidade com situações originadas de iniciativas individuais, como a mudança de casa na pandemia; outro que lista atividades diárias da casa, do trabalho, de compras e lazer; o seguinte, utilizando um distinto recurso gráfico, também indica de forma mais direta, as atividades diárias de casa e trabalho; o último, igualmente se reporta às rotinas diárias, porém, representa a sua sequência mensal ao longo do ano. Ressaltamos que esses dois mapas citados por último articulam a representação espacial com marcadores temporais.

Para retratar a distinção que fizemos entre eles, vamos apresentar e discutir um mapa mental de cada agrupamento, buscando estreitar o diálogo na perspectiva da formação do pensamento espacial e raciocínio geográfico. Do primeiro agrupamento — que privilegia a representação do espaço externo — selecionamos o mapa mental 4, conforme demonstrado na Figura 1, abaixo.

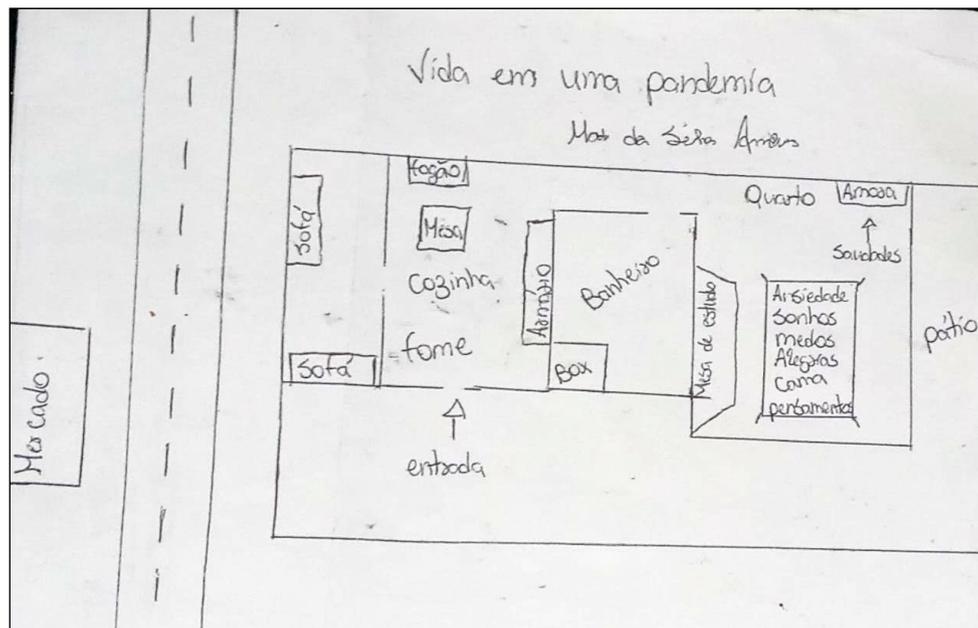


Fonte: Arquivo das autoras.

Figura 1. Mapa mental 4, realizado na disciplina Cartografia no Ensino de Geografia, ano - 2020 (agrupamento 1).

Trata-se da representação de uma aluna que relatou ter buscado simbolizar a paisagem que observava com maior frequência durante os meses de março a setembro de 2020, nas poucas vezes em que saía de casa para dirigir-se a três lugares: o supermercado, a farmácia e o consultório de seu terapeuta. O supermercado foi representado pela simbologia de uma nota de dois reais, pois, segundo ela, a sensação do dinheiro sendo desvalorizado era intensa a cada necessidade de ir às compras. Expressou que a confecção do mapa mental foi uma ferramenta reveladora, pois com ele foi possível constatar algo que já se anunciava anteriormente e que a pandemia e o isolamento social reafirmaram: a cidade é um lugar em que somos muitos, porém com diferenças sociais e culturais que demarcam e produzem os distanciamentos entre os indivíduos. Além desses aspectos, chamou-nos a atenção a representação do transporte coletivo lotado e de pessoas a espera no ponto de ônibus. Situação que demonstra a percepção da aluna em relação às circunstâncias de vida e de trabalho de parcela da população para as quais não houve política pública que garantisse a permanência em suas residências e, nem tampouco, condições seguras de locomoção na cidade.

Do segundo agrupamento — o qual dá ênfase ao espaço interno das moradias — selecionamos o mapa mental 7, expresso na Figura 2.



Fonte: Arquivo das autoras.

Figura 2. Mapa mental 7, realizado na disciplina Cartografia no Ensino de Geografia, ano - 2020 (agrupamento 2).

Nele, o aluno destaca sentimentos presentes no seu cotidiano de isolamento social no período em que a universidade estava sem aulas presenciais. Ele representa o interior de sua casa, com as divisões entre os cômodos e a disposição dos móveis. Além disso, escreve sentimentos e pensamentos na parte que constitui seu quarto. São eles: ansiedade, sonhos, medos, alegrias e saudade. Não há maiores indicadores que contextualizem estas palavras, porém, o elemento externo representado, o mercado, indicando possivelmente o único local de saída, nos faz inferir que a alteração de rotina, as restrições de deslocamento e o afastamento do convívio social são os elementos desencadeadores dos sentimentos apontados.

Outro aspecto interessante que nos foi indicado pelo aluno em sua manifestação, foi de que o seu quarto, durante esse período, ganhou um significado especial, tornando-se o maior e o principal cômodo da casa, mesmo que em tamanho (m²) fosse menor do que outros ambientes da residência. Nisso, podemos constatar a relevância que a cartografia possui na vida e na formação dos diferentes sujeitos. Por meio das representações, os mapas mentais buscam comunicar e expressar sentimentos e grandezas que a oralidade nem sempre dá conta.

Do terceiro agrupamento, que articula dinâmicas sociais com ações individuais, selecionamos um mapa 10 (Figura 3), que representa a rotina diária de um aluno trabalhador em uma terça-feira.



Fonte: Arquivo das autoras.

Figura 3. Mapa mental 10, realizado na disciplina Cartografia no Ensino de Geografia, ano - 2020 (agrupamento 3).

Como o aluno acrescentou um pequeno texto explicativo no verso do mapa, no momento da entrega da atividade, vamos reproduzi-lo abaixo:

Às 7h da manhã me acordo, às 7h20 tomo meu café da manhã. Chego na empresa onde trabalho às 8h da manhã pouco disposto, onde começo meu expediente às 8h15. Chego ao meu local de trabalho utilizando a máscara, após fazer a higiene das mãos com álcool, me desloco para onde realizo a separação de mercadorias. Às 9h30 me desloco para meu intervalo de 20 minutos onde jogo sinuca com meus colegas de trabalho, com todos utilizando máscaras, retornando à atividade de separação de mercadorias às 9h50. Meu primeiro turno acaba às 12h onde me desloco para o intervalo, onde almoço e vou dormir às 12h30 até às 14h onde retorno ao trabalho com a mesma disposição que estava no início dessa

jornada. Às 14h10 começo minhas atividades em outro local, agora na adega de vinhos, onde sou responsável pelo abastecimento e atendimento. O intervalo ocorre novamente às 16h, indo novamente jogar sinuca com meus colegas. Às 16h20 retorno para a adega para abastecimento e as 17h vou para outro setor, que é o depósito, onde também sou responsável pela organização. O meu expediente termina às 18h onde retorno para minha casa muito feliz. Às 18h30 tomo meu banho, jantando às 19h. Às 20h acompanho o culto da igreja Bola de Neve que frequento, pois devido ao distanciamento social os cultos presenciais foram cancelados e realizados pelo YouTube. Às 21h separo um tempo para ficar com minha família, onde normalmente assistimos algum filme ou seriado. Após esse momento, às 22h, abro meu tempo de estudos até 1h da manhã, quando costumo dormir finalizando meu dia (relato – aluno 10).

Uma rotina de trabalho e estudo, intercalada de momentos de descontração. O aluno representa uma parcela da população que introduziu cuidados de proteção para evitar contaminação pelo vírus, porém, não vivenciou o isolamento social. O contato com os colegas de trabalho é mediado pelos protocolos de segurança de uso de máscara e higienização das mãos, a comunicação com colegas de aula e integrantes da igreja é mediada pela tela do computador. Porém, em todos os casos, a regulação do tempo é o que mais se destaca na vivência cotidiana de uma terça-feira, marcada pelo ritmo do relógio.

A partir da análise e dos relatos dos mapas mentais, podemos estabelecer algumas relações com os elementos estruturantes que constituem o pensamento espacial, como os conceitos espaciais, as formas de representação e processos de raciocínio. Com esta constatação, alguns conceitos como localização, direção, forma, distribuição e conexão puderam ser explorados, produzindo operações mentais de identificação, avaliação, associação e previsão, entre outras, vinculadas à análise espacial. Para além disso, as formas de representação, nos permitem estabelecer relações, que vão além do que se vê de forma objetiva na representação, mobilizando os processos de raciocínio. Logo, compreendemos que os mapas mentais analisados trouxeram elementos vinculados à formação do pensamento espacial, justamente por representarem as práticas socioespaciais vivenciadas pelos sujeitos, as quais foram debatidas em sala de aula, no momento da socialização da atividade.

No que diz respeito à construção do raciocínio geográfico, podemos dizer que, mesmo que o significado de expressões como pensamento geográfico, espacialidade do fenômeno e raciocínio espacial não tenham consenso entre os pesquisadores, há concordância em relação ao desenvolvimento do processo cognitivo do aluno, o qual pode ser explorado a partir de alguns princípios apontados na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental (BNCC), que são: “analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem” (BRASIL, 2018, p. 360).

Com as discussões realizadas estimulamos o desenvolvimento do raciocínio geográfico e foi possível estabelecer, por exemplo, analogias e conexões sobre o acontecimento do fenômeno em escala global e local e suas implicações para a saúde pública, a economia, a política, a educação e para as práticas socioespaciais, de modo geral.

Nesse sentido, os mapas mentais, se tornaram elementos importantes, pois buscaram expressar diferentes situações vivenciadas pelos alunos nesse momento particular que, de alguma forma, se vinculam a tantas outras situações e em lugares distintos, com as mesmas angústias e ansiedades. Partir da cotidianidade dos alunos pode ser um dos caminhos a se percorrer para discutir temas que a Geografia pode e deve explorar.

Observando os mapas e as características dos agrupamentos que foram utilizados como recurso de leitura e interpretação, as reflexões de Heller (1989) nos inspiraram. Na vida cotidiana nós nos socializamos e crescemos, apreendemos regras e desenvolvemos modos de utilizá-las. Participamos de um processo de assimilação mediada pelo grupo, pelas relações sociais e pelo contexto histórico e geográfico. Nesse sentido, somos seres particulares e genéricos. Particulares porque pertencemos a situações circunscritas por condições objetivas concretas — como estarmos determinados por um modo de produção — e, genéricos, porque nos apropriamos das conquistas humanas para encontrarmos respostas para os problemas, ou seja, em cada pessoa está contida a humanidade, somos a expressão de relações sociais marcadas por um determinado espaço e tempo.

Com isso, o conhecimento do mundo se dá por este ser que está no mundo e sente fome, sede, necessidades, isto é, há um ponto de partida da percepção na cotidianidade que nos acompanha. Sendo assim, os mapas mentais assinalaram modos de manifestação de particularidades e generalidades neste momento pandêmico, em que situações vinculadas às condições de vida concretas foram e ainda estão alteradas.

A situação mais evidente no contexto da formação docente é o vínculo entre professores e alunos e dos alunos entre si ter sido mediado pelo recurso da tela, do chat, do áudio, da câmera aberta ou fechada e das instabilidades do sinal de internet. Relações socioespaciais como as conversas no saguão do prédio da faculdade e os encontros no intervalo do cafezinho, por exemplo, foram interrompidas e espaços virtuais de interação foram criados e ressignificados. São expressões da cotidianidade, como objetividade exterior a nós e com a qual temos de lidar, que foram sendo engendradas, interferindo na vida dentro de casa, no bairro, na cidade e nas interações entre as pessoas como indicam os mapas mentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer uma experiência de sala de aula com mapas mentais, no âmbito da formação de professores de Geografia, buscamos evidenciar e contribuir nas discussões acadêmicas diante dos desafios e novas dinâmicas sociais originadas na pandemia e suas repercussões para a Geografia no ensino superior, em interface com a vida cotidiana. Entendemos que foi possível delinear aspectos importantes sobre a contribuição dos mapas mentais no ensino de Geografia e na aprendizagem para a docência, bem como sua utilização enquanto recurso para compreensão de uma situação e, também, para qualificar práticas sociais.

Os mapas mentais tratados neste texto mostraram circunstâncias de vida e de trabalho, bem como distinções sociais causadas e/ou intensificadas pela emergência social causada pela pandemia. Evidenciaram que o isolamento produziu impactos no cotidiano, bem como uma adaptação desigual às novas exigências sociais. Ainda, nos mostraram a importância de considerar o cotidiano e o contexto socioespacial na docência, com o recurso da cartografia.

Foram expressões simbólicas muito significativas para buscarmos entender a complexidade deste momento, pois alteramos nossa rotina, saímos de nosso curso habitual e as representações nos proporcionaram indícios importantes para entendermos essa outra espacialidade, contendo lugares de vivência e de interação.

Além disso, a nova dinâmica de estudos no modo remoto possibilitou um repensar do fazer docente no contexto da Geografia. Os alunos comentaram que a experiência de aula virtual foi apenas a primeira e que serviria de referência para ações futuras, possibilitando trazê-la para o debate da educação geográfica. Pode ser entendida como um aprendizado para olhar o espaço geográfico diante de situações inesperadas.

Tendo consciência de que ainda é cedo para compreendermos as novas dinâmicas e seus efeitos subjetivos e objetivos na vida cotidiana e na formação docente, o que conseguimos identificar é que, no momento, elas provocam sentimentos que interferem nas práticas sociais, como expresso na Figura 2, e sinalizam possíveis alterações na nossa condição de estarmos como indivíduos no mundo cotidianamente, condicionando nossas possibilidades de liberdade. Entendemos que o distanciamento social e as restrições de mobilidade causadas pela pandemia interferiram nessas possibilidades de liberdade, porém, o imediato de nossa condição ainda não nos possibilita perceber a complexidade e as consequências das exigências individuais e sociais que vivenciamos.

REFERÊNCIAS

- ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. da S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia**. Londrina, v. 13, n. 1, p. 127-141, jan./jun. 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, SP, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun. 2017.
- CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, edição especial, p. 160-178, 2017.
- DUARTE, R. G. A cartografia escolar e o pensamento (geo)espacial: alicerces da educação geográfica. In: ASCENÇÃO, V. de O. R. et al. **Conhecimentos da geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte: IGC, 2017a. p. 28-52.
- DUARTE, R. G. A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos na educação básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, SP: V.7, N;13, p. 207-232, jan./jun. 2017b.
- FRANCISCHETT, M. N. A importância do mapa no contexto escola. **Revista Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 15, n. 2, p. 143-151, maio/ago. 2011.
- GOMES, M. de F. V. B. G. Cartografia social e geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, SP, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun. 2017.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JESUS, V. L. de; PORTUGAL, J. F.; LIMA, M. R. PIBID: formação docente e alfabetização cartográfica: aprendizagens, saberes e práticas no cotidiano escolar. In: PORTUGAL, J. F. et al. **Geografia escolar: iniciação à docência e diversas linguagens: experiências de formação**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 165-181.
- LIMA, N. da S. et al. Das práticas e saberes cartográficos à construção do conhecimento geográfico: experiências de formação no PIBIB. In: PORTUGAL, J. F. et al. **Geografia escolar: iniciação à docência e diversas linguagens: experiências de formação**. Salvador: EDUFBA, 2019. p. 145-164.
- PESSOA, T. de F. da S.; SANTOS, E. A. G. dos; ALVES, M. A. Reflexões sobre as práticas pedagógicas no ensino superior em período de pandemia. **Disciplinarum Scientia: Série: Ciências Humanas**, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 119-132, 2020.
- RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 277-300, jan./jun. 2017.
- SANTANA FILHO, M. M. Educação geográfica, docência e o contexto da pandemia covid-19. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19, p. 03-15, maio, 2020.